

A Magia da Autoestima

OSHO

A Magia da Autoestima

O poder de descobrir quem realmente somos

Tradução de:
Susana Silva

Pergaminho

Capítulo 1

Inocência é poder

Terá a hipótese de Deus alguma utilidade? Sinto-me profundamente assustado só de pensar em prescindir da ideia de Deus.

É demasiado tarde! No momento em que nos referimos à ideia de Deus como hipótese, é porque já prescindimos dela.

As ditas pessoas religiosas nunca se refeririam a Deus usando o termo hipótese. Para elas, Deus não é uma hipótese formulada por nós, pelo contrário, nós é que somos uma criação de Deus. Ele é a origem da existência, o mais existencial dos seres. No entanto, ao designarmos Deus como uma hipótese, estamos a incluí-lo na categoria das hipóteses da geometria euclidiana, ou outras até, que são meros pressupostos. Podem ou não revelar-se verdadeiras. Só a observação e a experiência poderão determiná-lo, e nem assim a decisão será definitiva, pois pode ser invalidada por tentativas futuras.

Uma hipótese é um facto adotado, temporariamente e apenas temporariamente, como verdadeiro. Ninguém pode garantir que amanhã continuará a sê-lo. Trezentos anos de desenvolvimento científico provam-no: algo que é verdadeiro para Newton, não o é para Rutherford, e sendo-o para Rutherford, não o é para Albert Einstein. Experiências e instrumentos melhores podem sempre conduzir à alteração de uma hipótese.

Assim, nenhum teólogo se referirá a Deus como uma hipótese, pois, para ele, Deus é a verdade, não está dependente das nossas experiências. O facto de não conseguirmos encontrá-lo remete para uma falha nossa, não prova que Deus não existe. Se o encontrarmos é porque ele existe, como é evidente, caso contrário é um fracasso nosso. Deus não deixa de existir por isso.

«Hipótese» é um termo científico, não é um conceito teológico. A ciência é muito honesta, já a teologia é justamente o contrário, ou seja, muito desonesta. A própria palavra «teologia» denuncia a sua desonestidade e falta de sinceridade. *Théos* quer dizer Deus, e *logia* significa lógica. Até hoje, porém, ninguém apresentou uma explicação lógica para a existência de Deus. Todos os argumentos contrariam a Sua existência e nenhum conseguiu fazer prova de Deus. No entanto, a palavra teologia – «a lógica de Deus» – continua a ser utilizada.

Os teólogos denotariam maior honestidade se designassem Deus como uma hipótese. Porém, é impossível adorar uma hipótese, não é? Saber que se trata apenas de uma hipótese, que pode estar certa ou errada... A adoração não admite um «talvez», um «provavelmente», necessita de acreditar cegamente que é assim, mesmo que todas as evidências provem o contrário. É este o significado da fé. A fé não é lógica, é absolutamente ilógica, e referir-mo-nos a Deus como uma hipótese é o mesmo que destruir todas as igrejas, templos e sinagogas.

A palavra *hipótese* é muito significativa: significa que podemos duvidar, porque podemos fazer experiências e descobertas. Começa por ser um simples pressuposto temporário – é preciso começar por algum lado, pelo que, de momento e apenas de momento, aceitamos uma hipótese. Como podemos adorá-la, no entanto? Como pode o sacerdote explorar-nos? A utilização da palavra hipótese é totalmente contrária às pessoas religiosas. Elas não aceitam sequer que Deus seja designado como uma ideia, pois uma ideia é uma produção da mente, uma projeção nossa, e, para elas, Deus não é uma ideia, Deus é a única verdade.

Na Índia, onde a religião assumiu formas muito subtis, diz-se que nós somos uma ideia na mente de Deus e não o contrário, isto é, Deus não é uma ideia na nossa mente – porque a nossa mente está cheia de patéticos: pesadelos, sonhos e toda a espécie de desejos. Pertencerá Deus a esta mesma categoria? E depois, as nossas ideias mudam constantemente, são como as nuvens, cujas formas estão sempre a mudar.

Quando eram crianças, tinham, certamente, ideias diferentes. Na adolescência, as vossas ideias mudavam a toda a hora, quando se tornaram jovens, as vossas ideias mudaram novamente, e quando envelhecerem, jamais poderão ter ideias iguais às da vossa juventude. A experiência altera tudo. É, simplesmente, impossível manter a

mesma ideia ao longo de toda a vida, só um formidável idiota consegue fazê-lo. Se forem pessoas dotadas de um mínimo de inteligência, as vossas ideias mudarão ao longo da vida.

Para as pessoas religiosas, referir Deus como uma ideia não é sequer aceitável. Uma hipótese é algo de remoto. É por isso que digo que é demasiado tarde.

Diz que Deus é uma ideia... E a definição de meditação é o alcance de um estado mental em que não existem ideias, nem mesmo a ideia de Deus.

Gautama, o Buda, afirma: «Se vos cruzardes comigo ao longo do caminho, cortai-me a cabeça imediatamente, pois que faço eu ali senão perturbar-vos? A ideia de mim é uma perturbação.» É como atirar uma pedra para um lago silencioso e ver formarem-se muitas ondas, milhões de ondas. Uma simples ideia atirada para o lago silencioso que é a vossa mente dá origem a milhões de ondas e poderá afastar-vos de vocês próprios.

Todas as ideias vos afastam de vocês próprios, daí a definição de meditação como um estado de consciência sem ideias.

Na meditação, não há maneira de nos afastarmos de nós próprios, estamos, simplesmente, centrados no nosso próprio ser. Não há um objeto que possamos ver. Estamos totalmente sós. A nossa consciência começa a virar-se para si própria.

A consciência é exatamente como a luz. A luz está aqui, todos estamos aqui; a luz incide sobre nós, sobre as paredes, os cortinados, sobre tudo o que aqui está. Tudo são objetos. Reflitamos por um momento: se retirássemos todos os objetos, ficaria apenas a luz, que não incidiria sobre nada. A luz, porém, é inconsciente, e vocês são conscientes. Desse modo, removidos todos os objetos, a vossa consciência incide sobre si mesma, vira-se para si mesma; é uma viragem para dentro, porque não há nada que a impeça.

Este é o significado de objeto: «objeto» significa o que impede, o que levanta uma objeção, o que obstrui, o que constitui um obstáculo. Quando não há objetos, para onde podemos ir? Temos de virar-nos para nós próprios, estando a consciência consciente de si mesma – não há uma ideia de Deus.

Nos estados mentais comuns, as ideias são apenas disparates. Nesse espaço extraordinário de não-mente, as ideias não existem. Sendo assim, ou situamos Deus na categoria do disparate, ou colocamo-lo onde não são permitidos quaisquer objetos.

A palavra *ideia* não pode ser usada pelas pessoas religiosas para designar Deus. *Ideia* é um termo usado pelos filósofos, tal como *hipótese* é um termo usado pelos cientistas. Para quem é religioso, Deus é a única realidade, mas a mera utilização da palavra *ideia* afasta-o demasiado da chamada realidade de Deus.

A sua pergunta é importante em muitos sentidos. Primeiro, pergunta se a hipótese de Deus terá alguma utilidade? Ela é útil, de facto, não para si, mas para os que querem explorá-lo: o sacerdote, o rabino, o Papa, todas essas pessoas que vivem espalhadas pelo mundo. O que é um Papa sem a hipótese de Deus? O que é um *shankaracharya*? Ninguém! Nesse caso, quem é Jesus? Não se pode ser filho de uma hipótese, seria muito estranho. Não se pode ser o messias de uma hipótese. Estranho mundo, em que as hipóteses comesçassem a enviar messias.

Deus tem de ser real para que todas essas pessoas possam explorá-lo. Fazem-no há milhares de anos e vão continuar a fazê-lo simplesmente porque vocês têm medo de abdicar desta ideia.

Isto revela a existência de uma característica muito importante no interior do vosso ser. Porque têm medo de renunciar à ideia de Deus? De certo modo, ela evita que sintam medo e, por isso, quando abdicarem dela sentirão medo. É uma espécie de proteção psicológica, mais nada.

É quase inevitável que uma criança sinta medo, embora quando se encontra no ventre materno desconheça tal sentimento. Não sei de nenhuma criança que, ainda no ventre materno, pense em ir à sinagoga ou à igreja, ou em ler a Bíblia Sagrada, o Alcorão ou o Gita, ou se preocupe em saber se Deus existe ou não. Não consigo imaginar uma criança que, ainda no ventre materno, se interesse por Deus, o Diabo, o céu ou o inferno. Porque haveria de interessar-se por eles? Ela já está no paraíso. A sua situação não podia ser melhor.

A criança está totalmente protegida dentro de um ventre quente e aconchegante, imersa num banho de químicos nutritivos. E o que é surpreendente é que, em proporção, ela cresce mais nos nove meses de gestação do que em noventa anos. Nesses nove meses, atravessa milhões de anos de evolução, percorrendo um período que se inicia com o aparecimento do primeiro ser vivo e se prolonga até ao presente. Passa por todas as fases.

Vive em total segurança, sem precisar de trabalhar e sem medo de vir a ter fome. O corpo da mãe faz tudo. Passar nove meses no

ventre materno, em total segurança, cria um problema que está na origem do que designamos por religiões.

Quando a criança deixa o ventre materno, a primeira coisa que lhe acontece é ter medo. E a razão é óbvia. Perdeu a sua casa, e a sua segurança desapareceu. O calor, o ambiente em que estava imersa, tudo o que conhecia como sendo o seu mundo desapareceu completamente, e ela vê-se lançada num mundo estranho sobre o qual nada sabe. Tem de começar a respirar sozinha.

São precisos alguns segundos para que a criança se aperceba de que, a partir desse momento, tem de começar a respirar sozinha e que a respiração da mãe já não pode ajudá-la. Para a fazer voltar a si, o médico vira-a de cabeça para baixo e dá-lhe uma forte palmada nas nádegas. Que começo este! Que maneira de dar as boas-vindas a alguém! Mas é a palmada que a faz começar a respirar.

Já repararam que sempre que têm medo, a vossa respiração se altera? Se nunca se aperceberam disso, fiquem atentos a partir de agora. Sempre que tiverem medo, a vossa respiração alterar-se-á imediatamente, e quando estiverem em casa, tranquilos, livres de receios, a vossa respiração adquirirá um ritmo profundo e harmonioso e tornar-se-á cada vez mais silenciosa. Por vezes, quando estiverem em meditação profunda, poderão ter a impressão de que a vossa respiração parou. Não para, de facto, mas quase.

Nos primeiros tempos, a criança tem medo de tudo. Durante nove meses, viveu no escuro para depois nascer num hospital moderno inundado por ofuscantes tubos de luz. Isto é demasiado para os seus olhos, para a sua retina, que nunca viu luz, nem mesmo o clarão de uma vela. Tanta luz é um choque para os seus olhos.

E sem lhe dar tempo, o médico corta o elo que ainda une a criança à mãe, a derradeira esperança de segurança de um ser tão diminuto! Sabem com certeza que em toda a criação não há ninguém, nenhuma outra cria, tão indefesa como o bebé humano.

Por isso, os cavalos não formularam a hipótese de Deus. Os elefantes não pensaram na ideia de Deus. Não precisam. Quando nasce, a cria do elefante começa a andar, a observar e a explorar o que a rodeia. Não é tão indefesa como a criança humana. Na verdade, poderão ficar surpreendidos com tudo o que depende da impotência de uma criança humana: a sua família, a sua sociedade, a sua cultura, a sua religião, a sua filosofia, todas resultam da impotência da criança humana.

Entre os animais não existem famílias apenas porque a sua prole não precisa de progenitores. O homem teve de optar por um determinado sistema. O pai e a mãe têm de estar juntos para cuidar da criança. Ela é o fruto da história de amor entre ambos, é uma criação sua. Ora, se a criança humana ficar sozinha e entregue a si mesma, como sucede com tantos animais, é impensável que sobreviva, é impossível! Onde arranjará comida? A quem a pedirá? O que pedirá?

Talvez ela nasça demasiado cedo. Alguns biólogos defendem que o bebé humano é prematuro. Nove meses não chegam, pois quando vem ao mundo ainda é extremamente vulnerável. No entanto, devido às características específicas do corpo humano, a mãe não consegue carregar a criança dentro de si durante mais de nove meses, caso contrário morre, e a sua morte implicaria a morte do seu filho.

Estima-se que se a criança pudesse viver no ventre materno durante, pelo menos, três anos, talvez não tivesse necessidade de um pai e de uma mãe, nem de uma família, de uma sociedade, de uma cultura, nem de Deus, nem do sacerdote. A criança, porém, não pode permanecer no ventre materno durante três anos. Esta estranha situação biológica afetou todo o comportamento humano, assim como a sua maneira de pensar, a estrutura da família e da sociedade, o que, por sua vez, fez surgir o medo.

A primeira experiência da criança é o medo, tal como o medo é a derradeira experiência do homem.

Importa não esquecer que o nascimento é também uma espécie de morte. Basta que o consideremos do ponto de vista de uma criança. Esta vivia num determinado mundo, inteiramente satisfatório. Não sentia necessidade de nada, não ambicionava mais nada. Limitava-se a desfrutar do facto de existir, de crescer, até ser, subitamente, expelida. Para a criança, é uma experiência de morte: a morte do seu mundo, da sua segurança, da sua casa confortável.

Segundo os cientistas, ainda não conseguimos criar uma casa tão confortável como o ventre materno. Temos procurado fazê-lo, as nossas casas traduzem o nosso esforço para criar essa casa confortável. Até tentámos fazer colchões de água, para reproduzir a mesma sensação. Enchemos banheiras com água quente e quando nos enfiarmos nelas revivemos um pouco da sensação experimentada pela criança. Os que sabem tomar um verdadeiro banho de água quente,

acrescentam-lhe sal, pois o ambiente do ventre materno é muito salgado – tem o mesmo teor de sal que a água do mar. Mas durante quanto tempo conseguimos permanecer deitados dentro de uma banheira cheia de água? Também temos tanques fechados, que não são mais do que uma tentativa de reconstituir esse ventre perdido.

Sigmund Freud não era um iluminado. Na verdade, era até um pouco louco. No entanto, por vezes tinha boas ideias. Segundo ele, o ato de um homem a fazer amor com uma mulher é uma tentativa de regressar ao ventre materno. É possível que isto faça algum sentido. O homem era doido e a sua ideia parece extremamente forçada, no entanto, mesmo que fosse louco, é preciso ouvi-lo com muita atenção. Sinto que há alguma verdade nas suas palavras, trata-se de uma procura do ventre, dessa mesma passagem por onde se saiu.

O homem não pode regressar a esse ventre. Por isso, criou todo o género de alternativas, escavou cavernas, construiu casas e aviões. Se pensarmos bem no interior de um avião, concluiremos que não será de admirar se, um dia, virmos pessoas a flutuar em banheiras cheias de água quente salgada. O avião reproduz exatamente a mesma sensação, mas não será satisfatória.

A criança não conhece mais nada. Tentámos torná-lo semelhante – basta premir um botão e a assistente de bordo surge logo em seguida. Procurámos torná-lo o mais cómodo possível, mas nunca conseguiremos reproduzir a sensação de conforto que sentíamos no ventre materno. Aí, nem era preciso premir um botão. Éramos alimentados antes mesmo de termos fome. Antes de termos necessidade de ar, ele chegava até nós. Não tínhamos quaisquer responsabilidades.

Assim, quando sai do ventre materno, a criança, se sentir alguma coisa, sente-o como uma morte. Não pode senti-lo como um nascimento, é impossível. Isso é o que nós, os que estamos cá fora, imaginamos e designamos por nascimento.

Da segunda vez, um dia, no final da vida... Um indivíduo conseguiu construir algo, uma pequena casa, uma família, um reduzido círculo de amizades, um certo afeto, um pequeno recanto só seu algures no mundo onde pode descansar e ser ele próprio, onde é aceite. É difícil: passa uma vida a lutar e, um dia, de repente, vê-se novamente expulso.

O médico volta, o tal que lhe bateu no início! Nessa altura, fê-lo para que comesse a respirar e, agora, tanto quanto sabemos...

Agora, estamos deste lado e não sabemos como é o outro. O outro lado vive da nossa imaginação, e é por isso que o céu e o inferno e todo o tipo de imaginação se tornaram delirantes. Estamos deste lado e este homem está a morrer. Para nós, está a morrer, mas talvez esteja a renascer. Isso, porém, só ele sabe, e não pode voltar-se para trás e dizer: «Não se preocupem, não morri, estou vivo.» Quando estava no ventre materno, não pôde voltar-se para olhar tudo pela última vez e despedir-se. Agora, também não pode voltar-se, abrir os olhos e despedir-nos de nós, dizendo: «Não se preocupem. Não estou a morrer, estou a renascer.»

O conceito hindu de renascimento é apenas a projeção do nascimento vulgar. Para o ventre – presumindo que o ventre pensa –, a criança está morta. Para a criança – presumindo que a criança pensa –, ela está a morrer. Mas nasce. Não houve morte, e sim nascimento. Os hindus projetaram a mesma ideia na morte. Encarado deste lado, parece que está a morrer, mas encarado do outro... Só que o outro lado é a nossa imaginação, podemos dar-lhe a forma que quisermos.

Cada religião imagina o outro lado de maneira diferente, porque cada sociedade e cada cultura estão associadas a uma geografia e a uma história distintas. Os tibetanos, por exemplo, não conseguem imaginar o outro lado como um lugar fresco – fresco é uma hipótese assustadora, e frio é uma impossibilidade total. O tibetano imagina o morto como alguém que se mantém quente, num mundo novo também sempre quente.

Já o indiano não consegue conceber a ideia de se sentir sempre quente. Na Índia, quatro meses de calor já são suficientemente penosos, quanto mais ter calor para todo o sempre – as pessoas acabariam por ficar cozidas! A religião hindu não fazia ideia do que era o ar condicionado, mas a sua descrição do paraíso remete-nos para a existência de um aparelho de ar condicionado ligado em permanência – o ar está sempre fresco, não é uma brisa quente, nem fria, mas fresca. É sempre primavera, a primavera indiana. Esta estação do ano muda consoante a zona do planeta em que nos encontramos, e esta é a primavera indiana. A natureza está em flor, o ar está impregnado de fragrâncias, os pássaros cantam e tudo à nossa volta é vida. O ar, porém, não é quente, mas fresco, uma característica de que estamos sempre a ser recordados: sopra sempre uma brisa fresca.

A ideia é uma projeção da nossa mente. Se assim não fosse, seria igual para um tibetano, um indiano ou um maometano. Para este,

pensar no outro mundo como um deserto é algo unimaginável, pois o deserto árabe já lhe causou grande sofrimento. O outro mundo é um oásis, um oásis total. Não um oásis diminuto a que se chega depois de percorrer uma centena de quilómetros no deserto, com um pequeno lago cheio de água e algumas árvores. Nada disso, no outro mundo só há oásis, o deserto não existe em parte nenhuma.

Nós projetamos, mas para alguém que está a morrer trata-se de um processo igual ao que já viveu antes. Como todos sabemos, no momento da morte, se não estiver inconsciente ou em coma, o moribundo recorda todo o ciclo da sua vida. Recua ao momento inicial, ao seu nascimento. Parece ser importante que na hora de abandonar este mundo ele tenha a possibilidade de rever tudo o que aconteceu. Tal como sucede nos filmes, o calendário da sua vida desfila diante dele em escassos segundos. Esse calendário não para, pois é preciso encaixar muitos anos num filme com duas horas de duração. Se o calendário avançasse ao ritmo habitual, teríamos de permanecer sentados na sala de cinema durante dois anos, e ninguém suportaria semelhante coisa. Não, o calendário avança sem parar e as datas mudam com grande rapidez.

Tudo acontece ainda mais depressa na hora da morte. A vida passa velozmente e detém-se no momento inicial. O mesmo processo repete-se, e assim se completa o círculo da vida.

Porque quis que se recordassem disto? Porque o vosso Deus não é senão o medo do vosso primeiro dia, que se mantém ativo até ao derradeiro momento e vai crescendo cada vez mais. É por isso que quando uma pessoa é jovem pode ser atea, pode permitir-se sê-lo. À medida que envelhece, no entanto, ser ateu vai-se tornando difícil. Se quando estiver a aproximar-se da morte, quando estiver a um passo dela, perguntarmos a essa pessoa, «Ainda é ateu?», a sua resposta será, «Começo a ter dúvidas», devido ao medo que sente em relação ao que se vai passar. O seu mundo está em vias de desaparecer.

O meu avô não era um homem religioso, longe disso. Era mais parecido com Zorba, o *Grego*, gostava de comer, de beber e de se sentir feliz. Para ele, o outro mundo não existia, era simplesmente um disparate. O meu pai era muito religioso, talvez por causa do meu avô, como reação a ele, um sinal do conflito entre gerações. Na minha família, porém, este verificou-se da forma inversa, ou seja, o meu avô era ateu e, por causa deste ateísmo, o meu pai ter-se-á tornado um deísta. Sempre que o meu pai ia ao templo, o meu avô ria-se e dizia: «Outra vez? Vai, desperdiça a tua vida diante daquelas estátuas estúpidas!»

Gosto do Zorba por muitos motivos, e um deles é porque na figura do Zorba reencontrei o meu avô. Gostava tanto de comer que não confiava em ninguém e era ele próprio quem cozinhava. Ao longo da minha vida, fui recebido em casas de milhares de famílias na Índia, mas nunca comi comida mais deliciosa do que a que o meu avô cozinhava. A sua paixão por comida era tal, que todas as semanas organizava um banquete para os amigos e passava o dia a cozinhar.

A minha mãe, as minhas tias, os criados e os cozinheiros eram mandados embora da cozinha. Quando o meu avô cozinhava, não queria ser incomodado por ninguém. Comigo, no entanto, era muito afável, deixava-me ficar a vê-lo cozinhar e dizia-me:

«Aprende como se faz, não dependas dos outros. Só tu conheces o teu paladar. Quem mais pode conhecê-lo?»

«Isso ultrapassa-me», retorquia eu, «sou demasiado preguiçoso, mas posso ficar a ver. Passar o dia a cozinhar, eu? Não sou capaz».

E, por isso, não aprendi nada. Observá-lo, porém, e vê-lo trabalhar era um prazer, parecia um escultor, um músico, um pintor. Para ele, cozinhar era muito mais do que apenas cozinhar, era uma arte. E se algum prato não estivesse à altura dos seus padrões de exigência, deitava-o fora e voltava a cozinhá-lo.

«Está perfeito», dizia-lhe.

E ele respondia-me:

«Sabes bem que não está perfeito, está apenas bom. Mas eu sou um perfeccionista e, enquanto não estiver como eu gosto, não o servirei a ninguém. Adoro a minha comida.»

Também sabia preparar muitas bebidas diferentes... No entanto, fizesse ele o que fizesse, a família estava sempre contra ele. Diziam que era um chato. Não deixava ninguém entrar na cozinha, à noite convidava todos os ateus da cidade para irem lá a casa, esperando até o sol se pôr só para desafiar a doutrina jainista. Não comia antes dessa hora, porque o jainismo mandava que se comesse antes do pôr do sol, depois disso, já não era permitido. Pedia-me vezes sem conta que fosse ver se o sol já se tinha posto ou não.

Irritava toda a gente, mas ninguém podia zangar-se com ele, pois era o chefe da família, era o homem mais velho. Por isso, irritavam-se comigo. Era mais fácil.

«Porque estás constantemente a ir ver se o sol já se pôs ou não?», perguntavam-me. «O velho está a estragar-te, está a estragar-te completamente.»

Tive muita pena de só ter descoberto o livro *Zorba, o Grego* já próximo da morte do meu avô. Quando estava diante da sua pira funerária, não conseguia deixar de pensar que ele teria gostado que eu o tivesse traduzido e lido para ele. Lera-lhe muitos livros. Não era um homem instruído, apenas sabia assinar o seu nome. Não sabia ler, nem escrever, mas tinha muito orgulho nisso.

Dizia muitas vezes: «Ainda bem que o meu pai não me obrigou a ir à escola, caso contrário ter-me-ia corrompido. Estes livros corrompem muito as pessoas.» E advertia-me: «Lembra-te, o teu pai está corrompido, e os teus tios também. Passam o tempo a ler livros religiosos, as Escrituras, que estão cheios de disparates. Enquanto eles leem, eu vivo, e é bom aprender com a vida.»

E continuava: «Vão mandar-te para a universidade, não vão dar-me ouvidos. Eu pouco posso fazer, porque se o teu pai e a tua mãe conseguirem impor a sua vontade, vão mandar-te para a universidade. Mas tem cuidado, não te percas nos livros.»

Gostava de coisas simples. Uma vez, perguntei-lhe:

«Todas as pessoas acreditam em Deus. Porque é que tu não acreditas, *baba*?» Tratava-o por *baba*, que é a palavra para avô, na Índia.

«Porque não tenho medo», respondeu-me ele.

Foi uma resposta muito simples:

«Porque haveria de ter medo? Não há necessidade de ter medo; não fiz nada de mal, não fiz mal a ninguém. Limitei-me a viver a minha vida com alegria. Se existir um Deus e eu vier a conhecê-lo um dia, ele não poderá sentir-se zangado comigo. Serei eu quem se sentirá zangado com ele: “Porque criaste este mundo? Um mundo como este?” Eu não tenho medo.»

Quando estava a morrer, voltei a fazer-lhe a mesma pergunta, pois os médicos disseram-nos que não sobreviveria mais do que alguns minutos. O seu pulso estava a cada vez mais fraco, o ritmo cardíaco estava a diminuir, mas ele estava totalmente consciente.

«*Baba*, só uma pergunta...»

Ele abriu os olhos e disse:

«Já sei o que vais perguntar-me: porque não acredito em Deus? Sabia que me perguntarias isso quando eu estivesse a morrer. Julgas que a morte me fará ter medo? Tive uma vida tão feliz e tão plena que não sinto desgosto por morrer.

Que mais poderei fazer, amanhã? Já fiz tudo, não resta nada. E apesar do meu pulso cada vez mais fraco, penso que tudo vai

ficar bem, porque me sinto muito tranquilo, muito calmo e muito silencioso. Não consigo dizer se vou morrer definitivamente, ou se vou viver, mas lembra-te de uma coisa: eu não tenho medo.»

Diz-me que quando pensa em abdicar da ideia de Deus, sente medo. É, simplesmente, uma indicação de que usa a ideia de Deus como uma pedra para reprimir o medo. Mal essa pedra é afastada, o medo surge.

Tive um professor na escola secundária que era um brâmane muito culto e respeitado por quase toda a cidade. A casa dele ficava atrás da minha, e o acesso fazia-se por um carreiro estreito que corria ao longo de um dos muros laterais da minha casa. Ao fundo da minha casa havia um *neem* enorme. Ele ensinava sânscrito e estava sempre a falar de Deus, da oração e do culto. Na verdade, estava a tentar doutrinar-nos.

«O meu avô não acredita em Deus e sempre que lhe pergunto porquê, responde-me, “Porque não tenho medo”», disse-lhe uma ocasião. «O professor tem muito medo? Parece estar sempre a querer inculcar a palavra Deus nas nossas cabeças, e todas as manhãs o vejo cantar em sua casa durante três horas numa voz tão alta que incomoda todos os vizinhos. Só que como é um cântico religioso, ninguém pode dizer nada.»

Se praticarem dança moderna, por exemplo, ou tocarem música *jazz*, todos vos criticarão, acusando-vos de estarem a incomodar. Ele fazia-o, todas as manhãs, entre as cinco e as oito horas – e cantava mesmo muito alto –, mas como era um cântico religioso, ninguém podia queixar-se.

«Tem assim tanto medo? Todos os dias reza durante três horas. Deve sentir muito medo para tentar convencer Deus a protegê-lo todos os dias, durante três horas», disse-lhe eu.

«Eu não tenho medo. O teu avô é um patife», respondeu-me ele. Tinham quase a mesma idade... «É um patife, não lhe dês ouvidos. Vai estragar-te.»

«É estranho, ele diz que o professor me estragou e o professor pensa que ele vai estragar-me, mas, na minha opinião, ninguém me vai estragar. Acredito no meu avô quando ele diz que não tem medo; já em relação a si, não tenho tanta certeza», contrapus.

«Porquê?», inquiriu ele.

«Porque todas as noites, sempre que passa pelo *neem*, começa a cantar», expliquei.

Era do conhecimento geral que o *neem* albergava fantasmas e, por isso, todos evitavam passar por ele à noite. Mas ele não podia deixar de fazer aquele caminho, porque era aí que morava, caso contrário teria de dar a volta pela estrada principal e percorrer perto de oitocentos metros para aceder à casa pelo lado contrário. Como lhe custava fazer esta volta todos os dias para ir para casa, arranjava uma estratégia religiosa para o ajudar: entoava cânticos. Assim, sempre que entrava no carreiro, começava a cantar.

«Ouvi-o cantar, e, embora não o faça tão alto como de manhã, sei que canta, porque o ouvi. Também sei que há fantasmas, por isso não posso dizer que está a proceder mal», disse-lhe eu.

«Como é que descobriste?», perguntou.

«Estou muitas vezes ao lado do *neem*, no escuro, por isso sei que começa a cantar mais alto e a andar mais depressa. Se não tem medo, porque canta quando passa por lá? E se realmente tem medo de fantasmas, as suas três horas de cânticos matinais não estão a resultar. Não conseguem protegê-lo dos fantasmas?»

«A partir de hoje, não voltarei a cantar», declarou.

E cumpriu o prometido. Deixou de cantar, mas passou a caminhar em passo mais rápido do que o habitual. Bastou-me sentar-me na árvore com uma lata de querosene vazia, para poder bater nela como se fosse um tambor. Bati na lata e atirei-a para cima dele. Só queria que vissem! Ele largou a correr, gritando: «*Bhoot! Bhoot!*» *Bhoot* é o termo hindu para fantasma.

A roupa tradicional indiana é diferente da ocidental. Isto está a mudar, pois o vestuário ocidental é mais prático. O traje indiano é mais luxuoso, mas não é prático e pode ser perigoso para quem trabalha no campo e para os operários, pois é comprido e largo, e facilmente pode ficar preso numa máquina. O *dhoti*, a peça de tecido que se usa enrolada à cintura, é igualmente muito largo, uma recordação do período de grande conforto e prosperidade que o país viveu no passado.

Os militares não podem usar o traje indiano, porque não conseguiriam combater e poderiam acabar por ser dizimados pela própria roupa! Nunca conseguiriam fugir, mesmo que fossem obrigados. Consequiriam correr vestidos com as roupas que eu uso? Nunca. Seria mais fácil morrer do que correr.

O homem ficou cheio de medo... Quando a lata o atingiu com grande alarido, o *dhoti* abriu-se e o seu medo foi tal que correu

para casa sem ele, completamente nu, deixando-o caído no chão! Desci da árvore, apanhei-o e fui-me embora levando a minha lata comigo.

Na casa dele, reinava o caos. Toda a gente, incluindo os vizinhos, lhe perguntava o que havia sucedido.

«Aquele garoto desorientou tudo», respondeu ele. «Esta manhã, disse-me, “Não diga o mantra. Se não tem medo, não diga o mantra”. Lançou-me um desafio. Amanhã, vou falar com ele sobre o que me aconteceu. Por causa dele, tornei-me alvo da chacota geral depois de velho. Toda a vizinhança me viu nu!», exclamou. E ser visto nu, na Índia, sobretudo quando se é um dos mais respeitados sacerdotes e académicos da cidade...

No dia seguinte, veio a minha casa com um semblante muito sério. Sabia que viria, por isso levei a lata e o seu *dhoti* para casa. Quando me viu entrar com a lata, perguntou:

«O que é isso?»

«Primeiro, o professor», retorqui. «Fez uma ameaça, disse aos vizinhos que viria visitar-me. Eu também vim vê-lo; agora, é uma questão de quem vê quem. Pode castigar-me como quiser, mas não se esqueça de que eu abrirei esta lata na escola diante de todos.»

«Que há aí dentro?», inquiriu ele.

«*Bhoot!* Um fantasma! Apanhei o fantasma que tanto o assustava e prendi-o aqui dentro», respondi.

«Um fantasma? Essa é a lata que caiu da árvore?», perguntou ele.

«Claro que é», disse eu.

«Leva-a daqui, é perigosa», pediu.

«Por favor, espreite e veja o que está dentro», disse-lhe eu. E abri a lata, tirei o *dhoti* e afirmei: «Pelo menos, fique com o seu *dhoti*.»

«Mas como é que conseguiste apanhá-lo?», questionou ele.

«Quem é que julga que estava a controlar tudo? Devia estar-me agradecido por me ter dado ao trabalho de trepar à árvore, bater na lata e atirá-la para cima de si. E também por ter recolhido o seu *dhoti* no escuro e ter conseguido escapar sem ser apanhado. É para aprender a não me mentir.»

E, a partir desse dia, embora soubesse que fora eu quem armara tudo, deixou de usar o carreiro para ir para casa e passou a dar a volta para entrar pelo lado contrário. Perguntei-lhe porque o fazia.

«Sabe perfeitamente que fui eu que fiz tudo.»

«Não quero correr riscos. Não acredito em ti. Podes ter apanhado o *dhoti* e a lata de manhã, e é perfeitamente possível que exista um fantasma», respondeu-me ele.

«Já lhe disse que era eu quem estava na árvore», insisti.

Não voltou a percorrer o carreiro à noite. Todos os membros da minha família sabiam que eu era o responsável, pois tinham-me visto trepar à árvore, mas também eles ficaram assustados e começaram a dizer:

«Talvez estejas possuído pelo fantasma.»

Ao que eu retorqui:

«Vocês são mesmo estranhos! Disse-vos que fui eu, mas agora estão a projetar ideias novas: que fui possuído pelo fantasma e que foi por isso que fiz o que fiz. São incapazes de aceitar os factos simples como simples!»

Se tiverem medo têm de enfrentá-lo. Não vos servirá de nada disfarçá-lo com a ideia de Deus.

Não pode voltar a ter fé, essa foi destruída. Agora que me conhece, não pode voltar a ter fé em Deus, porque a dúvida é uma realidade e a fé é uma ficção, e nenhuma ficção resiste aos factos. A partir de agora, Deus passará a ser uma hipótese para si, as suas orações serão inúteis. Saberá que se trata de uma hipótese, não poderá esquecer-se de que se trata de uma hipótese.

Depois de ouvir uma verdade, é impossível esquecê-la.

Eis uma das qualidades da verdade: não precisamos de nos lembrar dela.

A mentira tem de ser recordada continuamente, pois podemos esquecê-la. As pessoas que estão habituadas a mentir precisam de ter melhor memória do que as que estão acostumadas à verdade, pois as pessoas verdadeiras não têm necessidade de memória. Quem apenas diz a verdade, não precisa de se lembrar. Todavia, aqueles que proferem mentiras, têm de lembrar-se delas permanentemente, já que contaram uma mentira a uma pessoa, outra mentira a outra e ainda algo diferente a uma pessoa diferente. Têm de organizar e guardar nas suas mentes o que disseram e a quem o disseram. E sempre que surgir uma questão a propósito de uma mentira, terão de voltar a mentir, formando, assim, uma série de mentiras. A mentira não acredita no controlo da natalidade.

A verdade é celibatária, não tem filhos, é solteira de facto.

Quando compreendemos, e basta que isso aconteça uma vez, que Deus é apenas uma hipótese criada pelos sacerdotes, pelos políticos,

pelas elites do poder, pelos pedagogos, e por todos os que desejam manter-nos numa condição de escravidão psicológica, que têm fortes interesses em perpetuar a nossa servidão... Todos querem que continuemos com medo, sempre com medo, trémulos no nosso íntimo, porque quando não temos medo, somos perigosos.

Pode ser um cobarde, um indivíduo medroso, disposto a submeter-se e a render-se, alguém totalmente desprovido de dignidade, sem nenhum respeito pelo seu próprio ser, ou pode ser um indivíduo intrépido. Nessa altura, porém, será um rebelde, ser-lhe-á impossível evitá-lo.

Será um homem de fé ou um espírito rebelde. Assim, todos os que não querem que seja um rebelde – porque a sua rebeldia colide com os seus interesses – continuarão a forçar, a condicionar a sua mente através do cristianismo, do judaísmo, do maometanismo, do hinduísmo, e continuarão a fazer-vos tremer no mais fundo de vocês próprios.

É este o seu poder, pelo que todos os que se interessam pelo poder e cuja vida não é outra coisa senão um desejo de exercer o poder, fazem um uso tremendo da hipótese de Deus.

Os que têm medo de Deus – e quem acredita em Deus tem de ter medo – têm de obedecer às Suas ordens e aos Seus mandamentos, ao Seu livro sagrado, ao Seu Messias, à Sua encarnação, têm de segui-Lo e aos Seus agentes. Na verdade, Ele não existe, só o Seu agente existe. Estranho negócio, este.

A religião é o mais estranho de todos os negócios. Não tem um patrão, mas tem mediadores: o sacerdote, o bispo, o cardeal, o Papa, o Messias, toda a hierarquia, e no topo não há ninguém! Jesus, no entanto, recebe o seu poder e a sua autoridade diretamente de Deus, é o seu filho único. O Papa recebe a sua autoridade de Jesus, é o seu representante único e infalível. E assim sucessivamente até ao sacerdote, que ocupa o degrau mais baixo da hierarquia. Deus, porém, não existe, mas o vosso medo, sim.

Pedimos que Deus fosse inventado por não conseguirmos viver sós.

Éramos incapazes de enfrentar a vida, as suas belezas, as suas alegrias, os seus sofrimentos e as suas angústias. Não estávamos preparados para os vivermos sozinhos sem alguém que nos protegesse, alguém que fosse como um guarda-chuva para nós. O medo levou-nos a pedir a criação de Deus. E não restam dúvidas de que existem

charlatões em toda a parte. Uma palavra vossa e eles satisfarão todos os vossos pedidos. Pedem e eles responder-vos-ão: «Nós sabemos que Deus existe, e vocês apenas têm de rezar esta oração...»

Tolstói escreveu um conto muito bonito, em que relata que o arcebispo da Igreja Ortodoxa Russa se viu confrontado com um grande problema quando três homens que viviam debaixo de uma árvore, à beira de um lago, começaram a tornar-se de tal maneira conhecidos que os fiéis passaram a ir ter com eles e não com o arcebispo.

No cristianismo atual, «santo» é uma palavra muito estranha. Em qualquer outra língua, o termo «santo» e o seu equivalente são palavras muito respeitáveis, mas o mesmo não acontece na doutrina cristã, para a qual «santo» significa apenas santificado pelo Papa, certificado por ele. Joana d’Arc foi santificada ao fim de trezentos anos. Um Papa infalível decidiu queimá-la viva. Passados trezentos anos, mudou-se de ideias, à medida que a opinião pública se foi afeiçoando cada vez mais à figura de Joana d’Arc. Nessa altura, o Papa decidiu que era chegado o momento de a proclamar santa. Foi acusada de bruxaria e condenada à fogueira por um Papa infalível e, trezentos anos depois, outro Papa infalível proclamou-a santa. A sua sepultura foi reaberta e tudo o que ainda se encontrava no interior – é possível que tivessem restado alguns ossos – foi retirado, passou a ser venerado e foi santificado. Ela tornou-se uma santa.

Na referência cristã, «santo» é um termo feio. A palavra em sânscrito é *sant*, que corresponde a santo. Se esta palavra deriva de *sant* e se escrevermos *sant*, poderemos pronunciá-la como *santo*; mas *sant* significa aquele que acabou de chegar, o que conheceu *satya*. *Sat* significa a verdade essencial, e *sant* é aquele que sabe que a alcançou. Não é, por isso, alguém que é certificado como tal! Não é um grau, nem um título outorgado por alguém.

O arcebispo estava realmente muito irritado, pois todos falavam dos três santos. «Mas como podem eles ter-se tornado santos, se eu não certifiquei ninguém? Isto é uma afronta», afirmava. Porém, as pessoas são o que são... E continuaram a ir ver os três homens. Até que ele, finalmente, se decidiu: «Tenho de fazer uma visita a esta gente. Que tipo de gente será? E proclamarem-se santos? Mas se eu nem sequer sei quem são. Não fui informado, e só eu tenho o poder de santificar uma pessoa e declará-la santa.» Estava realmente furioso.

Meteu-se no seu barco – possuía uma bela embarcação, pois era o arcebispo e, em matéria de assuntos religiosos, estava até acima do czar. Até o czar e a czarina costumavam tocar-lhe os pés. «Que tolos serão estes, gente desconhecida e anónima, que se intitulam santos?!», pensou ele. Quando chegou, viu-se diante de três indivíduos muito simples, de idade avançada, sentados debaixo da árvore. Eles levantaram-se imediatamente, tocaram os pés do patriarca e perguntaram-lhe: «Porque vos destes ao trabalho de vir até aqui? Poderíeis ter enviado uma mensagem e nós teríamos ido ao vosso encontro.»

O patriarca ficou um pouco mais calmo, mas exigiu saber:

«Quem vos proclamou santos?»

«Não sabemos», responderam eles. «Não sabíamos que éramos santos. Quem vos disse tal coisa?»

Percebendo que os três homens eram analfabetos e não sabiam sobre o cristianismo ou sobre religião, o arcebispo perguntou-lhes:

«Como rezam? Conhecem as orações ortodoxas? Se não as souberem, não podem ser cristãos, e muito menos santos!»

Eles declararam:

«Somos homens sem instrução e nunca ninguém nos ensinou nenhuma oração. Mas, e com a vossa permissão, o que vos diremos é que criámos a nossa própria oração.»

«Como? Criaram a vossa própria oração! Muito bem, digam-na», pediu ele.

Os três entreolharam-se e disseram uns para os outros:

«Diz tu. Não, podes dizê-la tu.» Eram muito tímidos e estavam envergonhados.

O arcebispo insistiu:

«Digam-na, vamos! Um de vocês que a diga.»

Então, eles responderam:

«Vamos dizê-la os três.»

Era uma oração muito simples:

«“Vós sois três: Deus-Pai, o Espírito Santo e Deus-Filho. Vós sois três, nós somos três, tende piedade de nós.” Esta é a nossa oração. Mais do que isto não sabemos. Disseram-nos que Ele é três e nós somos três, que mais é preciso? “Tende piedade de nós; vós sois três, nós somos três, tende piedade de nós?!”»

O arcebispo disse-lhes:

«Isto é imperdoável. Estão a ridicularizar a religião.»

Ao que eles replicaram:

«Nesse caso, ensinaí-nos a oração para que possamos rezá-la.»

O arcebispo assim fez, e ensinou-lhes uma longa oração da Igreja Ortodoxa Russa. Eles escutaram-na e depois pediram-lhe:

«Esperai um momento, disse-a mais uma vez, pois é muito longa e podemos esquecer-nos. A nossa é muito curta e nunca nos esqueceremos dela porque é muito simples, e lembramo-nos sempre de que Deus é três, nós somos três, tende piedade de nós. Não é difícil. A vossa oração... se a esquecermos ou se nos enganarmos...»

O arcebispo rezou-a uma segunda vez, e eles voltaram a pedir-lhe:

«Mais uma vez.»

Ele disse-a pela terceira vez e eles replicaram: «Vamos tentar rezá-la.»

O arcebispo sentia-se muito contente por ter podido conduzir aqueles homens simples ao caminho certo. Aquilo é que era rezar, e eles eram santos? Iniciou a viagem de regresso feliz por ter praticado uma boa ação. Estas são as almas caridosas.

A embarcação ia já a meio do lago quando viu os três velhotes a correrem sobre a água na sua direção! Não conseguia acreditar no que os seus olhos viam! Eles gritavam:

«Esperai! Esquecemo-nos da oração! Recitai-a só mais uma vez e não voltaremos a incomodar-vos.» E ficaram parados, de pé, sobre a água!

O arcebispo tocou-lhes nos pés e disse-lhes:

«Perdoem-me. Rezem a vossa oração, ela está correta. Não têm de pedir-me nada, se eu quiser perguntar-vos alguma coisa virei ter convosco. Agora sei qual das duas orações está certa.»

Os três homens representam uma verdade simples: ter fé não prova que Deus existe, mas a nossa fé pode conferir-nos uma certa integridade, uma certa força. Essa fé, no entanto, tem de ser muito inocente. Aqueles três velhotes não escondiam nenhum tipo de medo por detrás dela, não tinham frequentado nenhuma igreja para aprender a rezar, não tinham perguntado a ninguém, «O que é Deus? Onde está Deus?»; nada disso. Eram apenas pessoas inocentes, e a sua fé tinha origem na sua inocência.

Essa fé não prova a existência de Deus, essa fé apenas prova que a inocência é um poder.

É apenas uma história, mas a inocência é um poder. Sim, podemos caminhar sobre a água, porque somos inocentes e seremos

inocentes, se existir fé. Isto só muito raramente acontece, porque todos os pais e todas as sociedades destroem a nossa inocência antes sequer de sabermos que a tínhamos. Continuam a tentar inculcar-nos uma crença à força e nós aceitamo-la, porque temos medo. No escuro, a mãe diz ao filho: «Não tenhas medo. Deus está aqui para te proteger. Ele está em toda a parte.»

Contaram-me a história de uma freira católica que tomava banho vestida, na casa de banho. As outras freiras interrogavam-se, apreensivas: «Terá enlouquecido?»

A pobre freira, porém, respondeu-lhes:

«Faço-o, porque me ensinaram que Deus está em toda a parte e, por isso, também deve estar na casa de banho, e não me parece certo estar nua na Sua presença.»

Esta mulher poderá parecer-nos estúpida, mas não deixa de ter uma certa inocência. E se desta inocência surgir a fé, não importa que fé seja essa.

A inocência confere poder, mas a inocência é destruída, e é isso que estou a tentar devolver-vos para que possam ser novamente inocentes. No entanto, para voltarem a ser inocentes, têm de cumprir determinadas etapas.

Têm de abandonar a ideia de Deus, o que vos ajuda a não ter medo. Têm de ultrapassar o medo e aceitá-lo como uma realidade humana. Não há necessidade de lhe escapar, o que é preciso é penetrar nele profundamente, e quanto mais fundo mergulharmos no nosso medo, menos sentiremos a sua presença.

Quando tiverem alcançado o nível mais fundo do vosso medo, rir-se-ão, não há nada a temer. E quando o medo desaparece, surge a inocência, e essa inocência é o *summum bonum*, a essência genuína de um homem verdadeiramente religioso.

Essa inocência é poder. Essa inocência é o único milagre que existe.

A partir da inocência, tudo é possível, mas isso não fará de vós cristãos, nem maometanos. A partir da inocência tornar-se-ão seres humanos vulgares que aceitam totalmente a sua vulgaridade e a vivem com alegria, gratos a toda a existência, e não a Deus, pois esta é uma ideia que nos é transmitida pelos outros.

A existência, porém, não é uma ideia. Está à nossa volta, dentro e fora de nós. Quando somos completamente inocentes, uma profunda gratidão – não lhe chamarei oração, porque quando rezamos estamos a pedir alguma coisa, chamar-lhe-ei uma profunda gratidão, uma

gratidão manifesta-se. Não que estejamos a pedir alguma coisa, mas damos graças por algo que já nos foi dado.

Já muito vos foi dado. Consideram-se dignos disso? Mereceram-no? A existência continua a ser tão pródiga convosco que pedir mais é simplesmente feio. Devem sentir-se gratos pelo que já receberam.

E o mais belo dos fenómenos é que quando nos sentimos agradecidos, a existência começa a oferecer-nos mais e mais coisas. Torna-se um círculo: quanto mais recebemos, maior é a gratidão que sentimos e, quanto maior é a nossa gratidão, mais recebemos... É um processo sem fim, infinito.

Não se esqueçam, no entanto, de que a hipótese de Deus desapareceu. A partir do momento em que a designamos por hipótese, a ideia de Deus já foi abandonada. Com ou sem medo, não podemos recuperá-la, acabou. O único caminho possível é entrar no nosso medo. Entrar nele, silenciosamente, para descobrir a sua profundidade. E por vezes verifica-se que ele não é assim tão profundo.

Segundo uma história zen, um homem que caminhava durante a noite escorregou por um rochedo abaixo. Com medo de sofrer uma queda de vários milhares de metros, pois sabia que aquele local formava um vale muito fundo, agarrou-se a um ramo que estava suspenso sobre o rochedo. Na escuridão da noite, não conseguia ver mais do que um precipício sem fundo. Gritou, mas a escuridão devolveu-lhe o eco do seu grito, ninguém podia ouvi-lo.

Podem imaginar a noite inteira de tortura que este homem viveu. A morte espreitava a cada momento, as mãos começaram a ficar frias, as forças começaram a faltar-lhe... Quando o sol nasceu, olhou para baixo eriu-se: não havia nenhum precipício. Uns escassos quinze centímetros mais abaixo havia uma pedra, onde poderia ter dormido descansado toda a noite, pois a pedra era suficientemente grande para isso. Em vez disso, vivera um pesadelo toda a noite.

Com base na minha experiência pessoal, posso dizer-vos o seguinte: o medo não tem mais do que quinze centímetros de profundidade. Agora cabe a cada um decidir se quer continuar agarrado ao ramo e transformar a sua vida num pesadelo, ou se gostaria de largar o ramo e tomar a vida nas próprias mãos.

Não há nada a temer.